

Notas sobre *O homem unidimensional* e a psicanálise

Shierry Weber Nicholzen

Embora os conceitos freudianos não sejam o foco central de *O homem unidimensional* (como o são efetivamente em *Eros e civilização*), eles desempenham um papel-chave no argumento do livro. A noção de dessublimação repressiva, introduzida em *Eros e civilização*, com suas implicações para a relação entre Eros e Thanatos, é um dos principais modos pelos quais Marcuse caracteriza a unidimensionalidade e seu achatamento da oposição e da consciência de alternativas. Nestas breves notas, abordarei algumas das ideias freudianas com as quais Marcuse trabalhou e discutirei as maneiras pelas quais outros psicanalistas, em obras contemporâneas a *O homem unidimensional*, caracterizaram e tentaram elucidar algo que então se aproximava da experiência unidimensional em seus pacientes.

Dessublimação repressiva e o desligamento de Eros e Thanatos

O Mal-estar na civilização, de Freud, com sua tese de que a civilização requer renúncia instintiva, permanece o pano de fundo para a análise de Marcuse em *O homem unidimensional*. De acordo com Freud, a patologia psíquica, o retorno do reprimido, representa um protesto contra a renúncia instintiva. A sublimação, tal como se dá na arte, expressa a tensão entre o existente e o possível. A sublimação representa a consciência da contradição entre ambos. Os conflitos, no entanto, eram mais visíveis nas sociedades pré-tecnológicas e no estágio inicial das sociedades tecnológicas. Quando as sociedades industriais avançadas atingiram um patamar de afluência, a situação mudou.

Em *O homem unidimensional*, a noção de dessublimação repressiva é central no uso que Marcuse faz da teoria freudiana para caracterizar essa nova situação. Com a integração da sociedade unidimensional e de suas manifestações culturais, o conflito entre o existente e o possível desapareceu. Essa integração, segundo o argumento de Marcuse, aconteceu em prejuízo das potencialidades de Eros e do papel da sublimação

em manter a consciência dessas potencialidades. De fato, ela representa uma restrição de Eros e um fortalecimento crescente de Thanatos, do instinto de morte.

Para explorar um pouco mais as noções de repressão e sublimação em Freud: sublimação significa desviar a energia do instinto sexual de uma expressão diretamente sexual para uma expressão não-sexual, ainda que a serviço de Eros, isto é, a serviço da associação e da união. A sublimação não é necessariamente uma defesa, mas um modo de modular conteúdos instintivos sem realizá-los, mas também sem reprimi-los. O fato de que o produto da sublimação possa prometer, mas não cumprir, exhibe a marca de Thanatos, bem como o conflito entre Eros e Thanatos. O uso que Marcuse faz da noção de dessublimação como indicadora de um achatamento do conflito psíquico e social está de acordo, portanto, com as ideias de Freud.

O caso muda de figura com a noção de repressão. Para Freud, a repressão é a marca da neurose. É a forma mais desenvolvida de defesa psíquica, a que pressupõe o maior grau de diferenciação e integração da psique. A operação de repressão assinala que há um conflito entre o ego e as experiências e desejos inconscientes reprimidos – um conflito que, para Marcuse, é anterior ao estágio unidimensional. Quando Marcuse fala de dessublimação “repressiva”, contudo, ele não está, a meu ver, fazendo referência ao conceito freudiano de repressão. De fato, ele às vezes fala de dessublimação “controlada” ou “institucionalizada”, em vez de dessublimação “repressiva”. O termo “repressiva” parece mais ser uma versão de “opressiva”, e ele usa os termos alternativos “controlada” e “institucionalizada” a fim de enfatizar o fato de que essa opressão/repressão não é mais o efeito de um conflito de classes industrial, mas, diversamente, apresenta-se como função de um sistema integrado pela racionalidade tecnológica. De fato, a análise de Marcuse implica que a dessublimação é acompanhada de diminuição da repressão, em sentido freudiano. No estágio da unidimensionalidade, torna-se tecnologicamente obsoleta a consciência normal/neurótica (*normal-neurotic*) do conflito e do sofrimento psíquicos, a qual pressupõe uma psique complexa o bastante para ser capaz de usar a repressão como defesa. Essa obsolescência, de fato, é o que Marcuse tem em mente com sua noção de dessublimação repressiva. A dinâmica psíquica a que ele se refere, contudo, como “dessublimação repressiva” seria melhor descrita pelo termo “divisão” (*splitting*), conceito introduzido por Freud em um dos seus últimos trabalhos, “A divisão do ego no processo de defesa” (*Die Ichspaltung im Abwehrvorgang*, 1938). De acordo com Freud, no fetichismo a divisão (*splitting*) atinge o ego, quando o sujeito ao mesmo tempo sabe e não sabe, rejeita (*disavows*) a dor e o

sofrimento psíquicos, evitando-os. Na repressão, diversamente, o reprimido se esforça para retornar e ser integrado ao ego.

A ideia de Marcuse de que a dessublimação, em sua condição de deslibidinização – isto é, de substituição de uma capacidade de erotização mais ampla por um tipo de acesso restrito ao sexual – implica não somente uma restrição de Eros, mas também um aumento do poder de Thanatos está de acordo com a noção freudiana segundo a qual tanto na neurose quanto na sublimação os dois instintos estão “ligados” (*bound*) em produtos da consciência que integram quantidades de ambos, com predomínio de Eros. Desse modo, dificilmente encontramos Thanatos “puro”. A restrição de Eros, contudo, que é parte importante da unidimensionalidade, implica um “desligamento” (*unbinding*) que libera Thanatos de sua inferioridade. A sociedade unidimensional, portanto, é tanto um Estado de Bem-Estar Social (*welfare state*) quanto um Estado Beligerante (*warfare state*). A afluência aparente e real é mantida pela permanência da destrutividade. Essa convergência é análoga à divisão (diversa da repressão) que acompanha a dessublimação.

Discussões psicanalíticas da unidimensionalidade

O uso que Marcuse faz de Freud é baseado no pensamento freudiano, não no método e na prática psicanalíticas. Seu objetivo não é o de persuadir seus leitores a se tornarem pacientes de uma análise, mas o de caracterizar o fenômeno da Consciência Feliz unidimensional como produto da administração sistemática do indivíduo pela sociedade tecnológica.

Os psicanalistas, no entanto, estão sempre ativamente envolvidos na relação entre teoria e prática. Eles são observadores empíricos da experiência subjetiva dos indivíduos tal como expressa na fala, no comportamento e na interação. A teorização psicanalítica é desenvolvida como um esforço de entender os fenômenos com os quais eles se deparam no consultório (as primeiras teorias de Freud foram desenvolvidas a partir de seu trabalho com pacientes histéricas, nos anos 1890). Ao mesmo tempo, os psicanalistas usam as teorias existentes para explicar aqueles fenômenos. Desse modo, não surpreende que a teoria e a prática psicanalíticas no Pós-Guerra reflitam o fenômeno que Marcuse caracterizou como unidimensionalidade. Isso ocorre de duas maneiras: em primeiro lugar, sob certos aspectos, a psicanálise serve à administração e

ao controle do indivíduo e, assim, contribui para à unidimensionalidade; em segundo lugar, e até um certo ponto, a psicanálise diagnóstica e teoriza sobre a unidimensionalidade. Neste segundo sentido, a teorização psicanalítica fornece um complemento para a teoria da unidimensionalidade de Marcuse, uma vez que foca na experiência do indivíduo unidimensional tal como ela se mostra ao analista que, desta forma, encontra-se em uma posição análoga a do teórico crítico.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, vale lembrar que, como parte de um contexto social mais amplo, a psicanálise institucionalizada participa da dinâmica da sociedade. É por isso que, para a Escola de Frankfurt, certos desenvolvimentos da psicanálise no Pós-Guerra, particularmente nos Estados Unidos, foram vistos como contribuindo para a unidimensionalidade, uma vez que enfatizaram a adaptação ao *status quo* (Cf. Adorno, 1974 e Jacoby, 1983). Eu gostaria, no que se segue, de concentrar minha abordagem no segundo desenvolvimento, com relação ao qual os teóricos críticos talvez estejam menos familiarizados. Ele ocorreu nas décadas seguintes ao fim da Segunda Guerra e é contemporâneo a *O homem unidimensional*, de Marcuse (nas breves notas que se seguem não tentarei contemplar desenvolvimentos além dessas décadas, nem poderei abordar a obra de pensadores radicais da psicanálise, como Wilfred Bion e Jacques Lacan, cujas ideias também são relevantes neste contexto). Os desenvolvimentos que passarei a discutir ocorreram primeiramente na França e, em certo grau, na Inglaterra. No caso da França, isso pode ter ocorrido, em parte, devido à forte influência de Hegel e do pensamento dialético na vida intelectual francesa, fenômeno que se estendeu ao pensamento psicanalítico.

Nas décadas subsequentes à Segunda Guerra, muitos analistas observaram um relativo declínio naquilo que viria ser chamado de paciente “normal/neurótico” (*normal-neurotic*) – isto é, do tipo de paciente que Freud considerava estar na base de suas teorias – e, ao mesmo tempo, uma frequência relativamente maior de pacientes “não-neuróticos” – isto é, de pacientes em relação aos quais os sintomas neuróticos relacionados à repressão não constituíam a característica básica. Embora muitos destes pacientes fossem o que hoje em dia se chamaria de casos “limítrofes” (*borderline*), não é deles que tratarei aqui, e sim de outro grupo de pacientes que mostravam características análogas ao que Marcuse caracterizou como unidimensionalidade. No final dos anos 1940 e no começo dos anos 1950, Pierre Marty e outros investigaram a dinâmica de pacientes psicossomáticos cujas enfermidades físicas, por vezes letais, pareciam alienadas de sua experiência subjetiva. No início dos anos 1970, Joyce

McDougall, em um artigo que se tornaria clássico, descreveu o “anti-analisando em análise”. Nos anos 1980, surgiu o artigo de Christopher Bollas sobre a “doença normótica”.

Os tipos de pacientes discutidos nestes trabalhos não são idênticos, mas compartilham um certo número de características, de acordo com as descrições destes teóricos da psicanálise. Eles descreveram um indivíduo que, em certos aspectos, é “anormalmente normal” (Bollas, 1987), cuja vida interior, subjetiva, parece empobrecida a ponto de ser sufocada. Um indivíduo que mostra poucas emoções – talvez a irritação seja a mais presente; cuja vida onírica e fantasia são relativamente empobrecidas; cuja fala é cheia de clichês, especialmente quando se trata de lidar com situações que outras pessoas poderiam experimentar como muito dolorosas; cujo foco é no cotidiano e particularmente no mundo material, de tal modo que parece que a pessoa quer se tornar um objeto em um mundo de objetos materiais, usando um “pensamento operacional” em uma “vida operacional” (Marty et al., 2010); que mostra uma relativa falta de consciência do sofrimento psíquico, bem como uma “morte da curiosidade” (McDougall, 1980) e uma ausência de culpa; um indivíduo para quem a reflexão moral é substituída pelo ato de seguir um conjunto de regras inquestionadas, aparentemente derivadas do exterior.

Estes autores enfatizaram que esses pacientes não são psicóticos. De acordo com Bollas, se o psicótico “se perde no fundo do poço”, o normótico “se perde no raso” (p. 146). Nos termos de Bollas, quase glosando Marcuse, o apagamento da esfera subjetiva deixa a pessoa “viver em um mundo de plenitude sem sentido” (p. 136). Em seus esforços para construir uma formulação teórica que pudesse dar conta do que estava acontecendo com esses pacientes, estes autores se voltaram para conceitos semelhantes aos de Marcuse – tais como “dessimbolização” (*de-symbolization*) e “deslibidinização” (*delibidinalization*). Eles enfatizaram o hiato entre a consciência individual e o que poderia tornar-se um trauma ou uma perda experimentada como dor e sofrimento. Eles descreveram um grau de denegação (*denial*) e rejeição (*disavowal*) que equivalia a uma estratégia de defesa generalizada.

O instinto de morte, antagonista da vida, ocupa um lugar importante nessas discussões, do mesmo modo que em *O homem unidimensional*. Os pacientes em questão bem poderiam ter sido caracterizados como “analisandos-robôs”. Seu funcionamento mental parecia ser tão automatizado que, apesar de sua aparente colaboração com o processo psicanalítico, a análise parecia não ter qualquer efeito

neles. Mc Dougall prefere, contudo, o termo “anti-analisando”, porque, segundo ela, o termo “robô” sugere passividade e, muito diversamente, a experiência de estar com esses pacientes fez com que ela pensasse em uma antimatéria, uma força opositora coesa e sólida.

Esses pacientes estão comprometidos não com a análise, mas com uma “anti-análise”, a qual “requer uma medida de atividade continuada e enérgica, cujos efeitos, no entanto, são perceptíveis somente na ausência de mudança psíquica, na força negativa de anti-ligação que, ao mesmo tempo deixa no lugar tudo que havia sido cindido (*split*), afastado (*foreclosed*) ou expulso (*ejected*) da realidade psíquica” (p. 334). Trata-se, aqui, da ação do instinto de morte, enquanto força oposta à qualidade unificadora de Eros. Para Marcuse, isto se reflete na simbiose de Estado de Bem-Estar Social e Estado Beligerante, com sua capacidade (talvez irrecorrível) de bloquear a possibilidade de mudança.

Bollas nos oferece um exemplo dramático desse tipo de convergência. Ele descreve uma sessão com um adolescente em um hospital psiquiátrico. O rapaz havia sido hospitalizado após uma tentativa de suicídio bastante grave. Ele parecia estar bem no hospital, de modo que fora liberado para voltar para casa – onde fez outra tentativa grave de suicídio, depois da qual, então, ele se encontrava hospitalizado novamente. Bollas, encarregado de entrevistá-lo, esperava encontrar alguém deprimido e sem esperança. Ao invés disso, para sua surpresa, ele encontrou um rapaz confiante, atlético, bem vestido, com aparência saudável e que rejeitava todas as suas tentativas de trazê-lo para uma conversa a respeito da dor que poderia tê-lo levado às tentativas de suicídio – alguém que parecia a imagem perfeita da convergência de Consciência Feliz e instinto de morte.

Marcuse, em *O homem unidimensional*, descreve a redução do erótico ao meramente sexual em termos de deslibidinização da paisagem: “compare fazer amor no campo com fazer amor em um carro, ou a caminhada dos namorados pelo campo com a mesma caminhada nas ruas de Manhattan. No primeiro caso, o meio toma parte da experiência, convida ao investimento libidinal e tende a ser erotizado. A libido transcende as zonas eróticas imediatas, em um processo de sublimação não-repressiva” (p. 73). Os psicanalistas que venho discutindo postulam algum tipo de perda arcaica traumática que teria dado origem a essa profunda divisão defensiva (*defensive split*) implicada na noção de dessublimação repressiva. Por um lado, é como se a perda fosse tão virtualmente completa que sua experiência subjetiva trouxesse uma dor

insuportável. A paisagem “libidinizável” foi perdida, por assim dizer. Por outro lado, é como se a perda – na forma da negação (*denial*) e da rejeição (*disavowal*) quase absolutas – fosse a perda da capacidade de experiência subjetiva, a perda da capacidade de “libidinização”, e, assim, a perda de virtualmente tudo que pudesse fazer a vida significativa¹. Para a pessoa que se tornou “normótica”, no entanto, é difícil imaginar ou identificar a possibilidade daquilo que não está na experiência presente. Este é precisamente o dilema com que Marcuse lida em *O homem unidimensional*. É por isto que é necessária a análise crítica historicamente situada, que se baseia em alternativas passadas ou discerníveis pela imaginação. E esta é também a razão pela qual a prática da psicanálise pode contribuir para essa análise crítica: fundada no reconhecimento do sofrimento, ela pressupõe a capacidade de sofrer, ainda que se trate do sofrimento do analista, quando ele se mostra incapaz de engajar o paciente normótico na análise.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. *Minima Moralia*. Trad. E.F.N. Epcot. London: NLB, 1974.
- BOLLAS, C. “Normotic Illness,” in *The Shadow of the Object*. New York: Columbia, 1987.
- FREUD, S. “Splitting of the Ego in the Process of Defence” in Standard Edition vol.23
- JACOBY, R. *The Repression of Psychoanalysis*. Chicago: University of Chicago, 1983.
- MARTY, P. and M. de MUZAN. “Operational thinking,” in *Reading French Psychoanalysis*. D. BIRKSTED-BREEN, S. FLANDERS and A. GIBEAULT (Eds.). London and New York: Routledge, 2010; p. 449-58.
- MCDOUGLALL, J. “The Anti-Analysand in Analysis,” in *Psychoanalysis in France*. S. LEOVICI and D. WIDLÖCHER (Eds.). New York: International Universities Press, 1980; p. 333-54.
- NICHOLSEN, S. *The Love of Nature and the End of the World: the unspoken dimensions of environmental concern*. Cambridge, MA: MIT, 2002.

Tradução de Douglas Garcia Alves Júnior

¹ Para uma discussão análoga, dessa vez centrada na questão ambiental, cf. meu livro *The Love of Nature and the End of the World* (2002).

